

# O Exógeno Social no Espaço Escolar: uma análise sobre a diversidade racial nas escolas municipais de Campo Grande/MS

Magali Luzio Ferreira<sup>1</sup>

## Resumo

Este artigo aborda as questões multirraciais existentes em nosso país, sendo analisado pelo prisma da autodeclaração no ato da matrícula, nas escolas da Rede Municipal de Ensino (REME). No início deste, a reflexão sobre o assunto perpassa pela História brasileira, discutindo a presença dos primeiros habitantes e as ações que os levaram à miscigenação. Por fim, são apresentadas sugestões com aporte em pesquisas deste gênero, no intuito de abrir horizontes, levantar hipóteses questionadoras sobre o assunto e assim, oferecer a população educacional mais uma performance de trabalho voltado a diversidades contemporâneas.

**Palavras-chave:** Autodeclaração. Ensino e Diversidade.

## Abstract

*This article addresses the issues existing in our multiracial country being analyzed through the prism of self-declaration at the time of enrollment in schools of Municipal Schools (REME). Earlier this reflection on the subject runs through Brazilian history discussing the presence of the first inhabitants and the actions that led to miscegenation. Finally suggestions are made with investments in research of this kind in order to open horizons, questioning hypotheses on the subject and thus offer the public a more educational performance of work aimed at diversity coeval.*

**Keywords:** *Self-reporting. Teaching and Diversity.*

---

<sup>1</sup> Graduada em história pela Universidade Católica Dom Bosco (1989), especialista em Formação de Professores: Ensino (1997) e mestre em Desenvolvimento Local pela Universidade Católica Dom Bosco (2006). Atualmente é professora de história lotada na Secretaria Municipal de Educação/Assessoria de Gabinete, pela Prefeitura Municipal de Campo Grande/MS.

## **Introdução**

Abordar questões relacionadas à diversidade racial nos dias atuais requer uma retrospectiva na história do país quanto à ocupação e formação populacional brasileira. Em contato com as obras de Sérgio Buarque, Gilberto Freyre e Caio Prado Junior, conhecemos grande parte da historiografia brasileira que alicerça e fundamenta a presença e a continuidade de diversos povos que por aqui se fixaram e compõem a sociedade contemporânea.

Tais autores mencionados tiveram e ainda tem inúmeros precursores como, por exemplo, Darcy Ribeiro, Roberto da Mata e outros. Porém, este estudo não se diferencia das análises brasileiras que abordam a questão sobre diversidade racial. Neste primeiro momento, vamos discutir sobre a presença indígena, negra e os imigrantes italianos, alemães, árabes, entre outros, que fazem parte da diversidade racial e cultural do Brasil e que invadem também o espaço escolar, (neste objeto de estudo as escolas municipais de Campo Grande/MS).

## **O início da miscigenação brasileira**

A presença indígena no território nacional esteve posta desde o início da colonização, pois, quando os portugueses para cá vieram e posteriormente se estabeleceram, “os donos da terra”, como são rotulados e reconhecidos por muitos, por aqui já viviam. Do encontro entre culturas receberam dentre outras coisas, o próprio nome de índios, como se fossem um só povo e não inúmeras etnias indígenas.

Holanda (1976, p. 11) esclarece que: “A experiência e a tradição ensinam que toda cultura só absorve, assimila e elabora, em geral, os traços de outras culturas, quando estes encontram uma possibilidade de ajuste aos seus quadros de vida”. Muito dos hábitos dos povos lusitanos foram impostos aos índios, mas os mesmos também receberam, ou melhor, acataram o modo de viver dos nativos. No primeiro encontro cultural nesta terrinha de início chamada ilha de Vera Cruz e depois terra de Santa Cruz e, finalmente, Brasil pelos portugueses, o que muito colaborou foi a adaptabilidade fácil do colonizador português.

Holanda (1976, p. 8), afirma ainda que:

(...) Sabemos que, em determinadas fases de sua história, os povos da Península deram provas de singular vitalidade, de surpreendente capacidade de adaptações às novas formas de existência. Que especialmente em fins do séc.XV puderam mesmo adiantar-se aos demais Estados europeus, formando unidades políticas e econômicas de expressão moderna.

O autor esclarece a adaptabilidade do português em contato com novos povos afirmando que, Portugal se diferenciava de outros países da Europa por fazer fronteiras com o mar. Por não ter tido um sistema feudal tão arraigado quanto aos demais países europeus, com um sistema hierárquico rígido, conseqüentemente isso os levou a um sistema organizacional flexível. Por estas principais posturas, estavam mais aptos para novos contatos. Tal afirmação justifica o relacionamento desses com os indígenas e também com outros povos. Freyre (1976, p. 79) escreve que:

Quando em 1532 se organizou econômica e civilmente a sociedade brasileira, já depois de um século inteiro de contato dos portugueses com os trópicos, de demonstrada na Índia e na África sua aptidão para a vida tropical, mudado em São Vicente e em Pernambuco o rumo da colonização portuguesa do fácil, mercantil, para o agrícola; organizada a sociedade colonial sobre base mais sólida e em condições mais estáveis que na Índia ou nas feitorias africanas, no Brasil é que se realizaria a prova definitiva daquela aptidão. A base, a agricultura; as condições, a estabilidade patriarcal da família, a regularidade do trabalho por meio da escravidão, a união do português com a mulher Índia, incorporada assim à cultura econômica e social do invasor.

Com o estudo da história ainda nas séries iniciais aprendemos que o Brasil foi descoberto pelos portugueses em 1500, fato que está posto na formação acadêmica de todos, mas somente por volta de 1530 a 1532 começa a formação propriamente do que chamaríamos de instalação portuguesa no país. Isso se deve ao fato da mudança de ordem econômica portuguesa de mercantil, estabilizada antes no comércio, para um sistema agrícola.

A necessidade da economia neste momento cria garras para a sustentação do espaço português na Europa. Portugal só pode contar neste momento com os nativos aqui presentes para a sustentação dessa economia. Assim, por sua fácil adaptabilidade, já mencionada neste, o jogo de interesses recai sobre os "índigenas donos da terra". Tudo se faz desde a união da mulher índia com o português, até as práticas de manutenção da economia além do mar, em terra totalmente diferente e distante. Como por exemplo, o sistema de sesmaria, distribuição de terras a uma pessoa particular responsável pelo cultivo da mesma, garantindo, dessa maneira, a instalação da produção açucareira no Brasil. De acordo com Avancini (1991, p. 6-7):

A ocupação do território brasileiro realizou-se por meio da produção do açúcar, então muito procurado no mercado mundial. Estabeleceu-se aqui a cultura da cana-de-açúcar, destinada à produção em larga escala\*, para abastecer o mercado europeu. O sistema de produção estabelecido se baseou no uso e na exploração do solo através da agricultura extensiva\*. Esse tipo de empresa agrícola exige mão-de-obra numerosa e barata. Se os europeus tentassem trazer para cá trabalhadores livres assalariados, estes, vendo a grande expansão do território, prefeririam tornar-se colonos independentes e plantar sua própria terra, como ocorreu nas colônias inglesas do Norte dos Estados Unidos. Diante disso, a alternativa foi o uso do trabalho escravo. Inicialmente, e em certas regiões do país, o indígena foi muito usado como escravo, mas aos poucos a escravidão africana foi se ampliando e o tráfico se impôs. O apressamento interno de índios não dava lucros à Coroa, ao passo que a concessão (asiento \*) para a exploração do tráfico de negros da África era vendida pelo rei às companhias de comércio europeias por alto valor. Comerciar escravos nesse período se tornou um negócio tão ou mais lucrativo que plantar cana.

A história colonial brasileira econômica vem permeada de ciclos econômicos. São momentos que ora um, ora outro produto reina no cenário comercial para abastecer o mercado europeu. Todos os monociclos econômicos no Brasil colonial vêm atender a

coroa portuguesa. A começar pela exploração do pau-brasil, cana-de-açúcar, indo até o ciclo da mineração. Todos precisando de mão-de-obra, sendo que, a primeira a ser utilizada foi a indígena. Avancini escreve, na citação acima, as razões da troca de mão-de-obra de indígena para negra, porém, o que não é comentado nesta é que, manter o negro fixo à terra para o trabalho era bem mais fácil que o indígena, pois este não conhecia muito bem a mata e ficava mais difícil fugir da escravidão ao qual eram submetidos. Começa assim, junto com o sistema econômico a dominação, a escravidão e as diferenças raciais no país.

## **O desenrolar miscigenado**

Ribeiro (1995, p. 448), quanto à formação do povo brasileiro registra:

Essa massa de mulatos e caboclos, lusitanizados pela língua portuguesa que falavam, pela visão do mundo, foram plasmando a etnia brasileira e promovendo, simultaneamente, sua integração, na forma de um Estado Nação. Estava já maduro quando recebe grandes contingentes de imigrantes europeus e japoneses, o que possibilitou ir assimilando todos eles a condição de brasileiros genéricos.

O Brasil é um país que se formou e que se forma com pessoas de diversas origens, quase que se tornando uma babel, porém, o que o diferencia desta mencionada torre é que todos, apesar de oriundos de lugares diferentes, conseguem ainda falar, em sua grande maioria, a mesma língua. São estes, os árabes, japoneses, chineses, alemães, italianos, enfim, uma massa de gente de toda espécie que chegaram depois para conviver com os índios e negros que por aqui já estavam. Ribeiro (1995, p. 109) em sua obra, "O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil" faz a pergunta: mas quem é essa gente? Fazendo a seguinte reflexão, esse filho de índio com negro, não é negro e nem índio. O filho de índio com o branco europeu, não é índio e nem europeu.

Assim, formou-se um povo que não é "ninguém", com essa "ninguêndade" nasceu o brasileiro. Ribeiro (1995, p. 448) ainda chama a atenção para o seguinte aspecto:

Alguns, sobretudo japoneses, guardando marcas físicas indisfarçáveis de suas origens, têm, em consequência, certa resistência à plena assimilação ou ao reconhecimento dela quando já está plenamente cumprida. Não deixam nunca de ser nisseis, porque trazem isso na cara. Outros imigrantes, como os italianos, os alemães, os espanhóis, apesar de brancarrões e de portarem nomes enrolados, foram mais facilmente assimilados, sendo sua condição de brasileiros plenamente aceita. Alguns até exacerbam, como o caso do general Geisel, brasileiro de primeira geração, que nunca entendeu por que os índios, aqui há tantos séculos, teimam em não ser brasileiros. Os árabes são os imigrantes mais exitosos, integrando-se rapidamente na vida brasileira, participando das instituições políticas e alcançando posições de governo. Até esquecem de onde vieram e de sua vida miserável em seus países de origem. Cegos para o fato de que seu êxito se explica, em grande parte, pelo desgarramento que faz com que eles vejam e atuem sobre a sociedade local armados de preconceitos e incapazes de qualquer

solidariedade, desligados de qualquer lealdade, de obrigações familiares e sociais, para só se concentrarem no esforço de enriquecer. A atitude desses imigrantes é frequentemente de desprezo.

Este é um país com muitas faces, de gente de todo tipo que aqui se instalou, mas a discriminação está alicerçada nos primeiros povos que fizeram e fazem a mão-de-obra deste hoje, estado nacional. São os índios de outrora, com suas etnias destruídas e negros enfiados em porões de navios que foram separados de suas famílias com braços unicamente para o trabalho e o coração fincados em seus países de origem, Angola, Moçambique e outros do continente Africano. Tudo se resume em simplesmente negros, ou índios, o processo discriminatório afirma que são pessoas incapazes de qualquer ascensão e contribuição para a formação de um território que continua em ascensão.

Os povos que na época (domínios do imperialismo) estavam em poder tanto da Europa quanto do Oriente (os denominados amarelos), estes sim alcançaram posição de destaque na terrinha de Ilha de Vera Cruz e depois terra de Santa Cruz e, finalmente, Brasil, são os brancões identificados por Darcy Ribeiro. Esse fato acontece e se repete desde a formação do Estado brasileiro. A classe dominante que sempre esteve em evidência em todos os aspectos quer político, econômico e social sempre participou da construção de um Brasil que se fez de "cima para baixo". Reis (2000, p. 20) cita como o negro era visto no Brasil Império:

(...) os negros melhoraram de sorte ao entrar em contato com gente mais polida, com a civilização e o cristianismo. Por causa desse encontro, os negros da América são os melhores do que os africanos. Eles se distinguem pela força física, o gênio alegre para suportar a sua sorte, pela capacidade de trabalho. Com o seu canto sempre melodioso e afinado, embora monótono, disfarçavam as maiores penas. Entretanto, fizeram mal ao Brasil com seus costumes pervertidos, seus hábitos menos decorosos. Escravos viviam alheios à tera da família, tinham o coração endurecido. A escravidão trouxe graves inconvenientes: abuso, crueldades quanto ao vestuário, comida e bebida.

Não só o negro, mas também o índio são rotulados como seres incapazes, não confiáveis, etc. Hoje, essa forma de preconceito aparece disfarçada nas oportunidades oferecidas a eles como forma de reparação social. Mas o coração de quem sentiu o descaso já vem passado de gerações após gerações e fica quase que impossível reparar um erro, pois o preconceito só aumentou com o passar dos anos.

Analisando a pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE- Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio, ano de 1976, observou-se que a mistura de definições baseadas na descrição da cor e na situação econômica e social gerou certa indeterminação. Veja o quadro a seguir:

**Quadro 1: - Resultado da pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio, ano de 1976.**

01 - Acastanhada	47 - Clarinha	93 - Morena-escura
02 - Agalegada	48 - Cobre	94 - Morena-fechada
03 - Alva	49 - Corada	95 - Morenã
04 - Alva-escura	50 - Cor-de-café	96 - Morena-parda
05 - Alvarenta	51 - Cor-de-canela	97 - Morena-roxa
06 - Alvarinta	52 - Cor-de-cuia	98 - Morena ruiva
07 - Alva-rosada	53 - Cor-de-leite	99 - Morena trigueira
08 - Alvinha	54 - Cor-de-ouro	100 - Moreninha
09 - Amarela	55 - Cor-de-rosa	101 - Mulata
10 - Amarelada	56 - Cor-firma	102 - Mulatinha
11 - Amarela-queimada	57 - Crioula	103 - Negra
12 - Amarelosa	58 - Encerada	104 - Negota
13 - Amorenada	59 - Enxofrada	105 - Pálida
14 - Avermelhada	60 - Esbranquecimento	106 - Paraíba
15 - Azul	61 - Escura	107 - Parda
16 - Azul-marinho	62 - Escurinha	108 - Parda-clara
17 - Baiano	63 - Fogoió	109 - Parda-morena
18 - Bem-branca	64 - Galega	110 - Parda-preta
19 - Bem-clara	65 - Galegada	111 - Polaca
20 - Bem morena	66 - Jambo	112 - Pouco-clara
21 - Branca	67 - Laranja	113 - Pouco-morena
22 - Branca-avermelhada	68 - Lilás	114 - Pretinha
23 - Branca-melada	69 - Loira	115 - Puxa-para-branca
24 - Branca-morena	70 - Loira-clara	116 - Quase-negra
25 - Branca-pálida	71 - Loura	117 - Queimada
26 - Branca-queimada	72 - Lourinha	118 - Queimada-de-praia
27 - Branca-sardenta	73 - Malaia	119 - Queimada-de-sol
28 - Branca-suja	74 - Marinheira	120 - Regular
29 - Branquiça	75 - Marrom	121 - Retinta
30 - Branquinha	76 - Meio-amarela	122 - Rosa
31 - Bronze	77 - Meio-branca	123 - Rosada
32 - Bronzeada	78 - Meio-morena	124 - Rosa-queimada
33 - Bugrezinha-escura	79 - Meio-preta	125 - Roxa
34 - Burro-quando-foge	80 - Melada	126 - Ruiva
35 - Cabocla	81 - Mestiça	127 - Russo
36 - Cabo-verde	82 - Miscigenação	128 - Sapecada
37 - Café	83 - Mista	129 - Sarará
38 - Café-com-leite	84 - Morena	130 - Saraúba
39 - Canela	85 - Morena-bem-chegada	131 - Tostada
40 - Canelada	86 - Morena-bronzeada	132 - Trigo
41 - Cardão	87 - Morena-canelada	133 - Trigueira
42 - Castanha	88 - Morena-castanha	134 - Turva
43 - Castanha-clara	89 - Morena-clara	135 - Verde
44 - Castanha-escura	90 - Morena-cor-de-canela	136 - Vermelha
45 - Chocolate	91 - Morena-jambo	
46 - Clara	92 - Morenada	

**Fonte:** (SOUZA, 1997 p. 227)

Apesar das categorias censitárias como branca, negra, amarela, indígena e parda cobrirem a metade da pesquisa, de qualquer forma, as outras formas de identificação nos permite avançar em uma série de considerações sobre nossa coloração, mesmo que haja certa ironia. O quadro apresenta um país que não quer ser negro e nem índio e com dificuldade para assumir-se como tal. As razões para essa indeterminação racial que se arrasta até os dias atuais são inúmeras, dentre as quais a mais forte é a persistência da mídia ao reafirmar o sucesso da raça branca, em contrapartida, apenas mostrando o lado obscuro dos negros e índios. Como podemos observar na reportagem a seguir publicada em um jornal da cidade.

Figura 1 – Jornal Correio do Estado

# MS concentra 57% dos assassinatos de indígenas no País

MARIMATHEUS

Mato Grosso do Sul concentra o maior número de assassinatos de indígenas no País. Segundo o Relatório da Violência 2010 do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), 34 dos 60 homicídios registrados no Brasil ocorreram no Estado, ou seja, 57%. A maioria foi em Dourados, 29%. As vítimas eram das etnias guarani kaiowá (29), guarani nhandeva (1), terena (1), ofayé-xavante (1) e kadiwéu (2). O número de assassinatos ocorridos em Mato Grosso do Sul triplicou entre 2003 e 2010, ainda conforme o CIMI mas, pelo menos no ano passado, nenhuma das mortes foi em decorrência direta de conflitos por terras.

O Censo 2010 revelou que

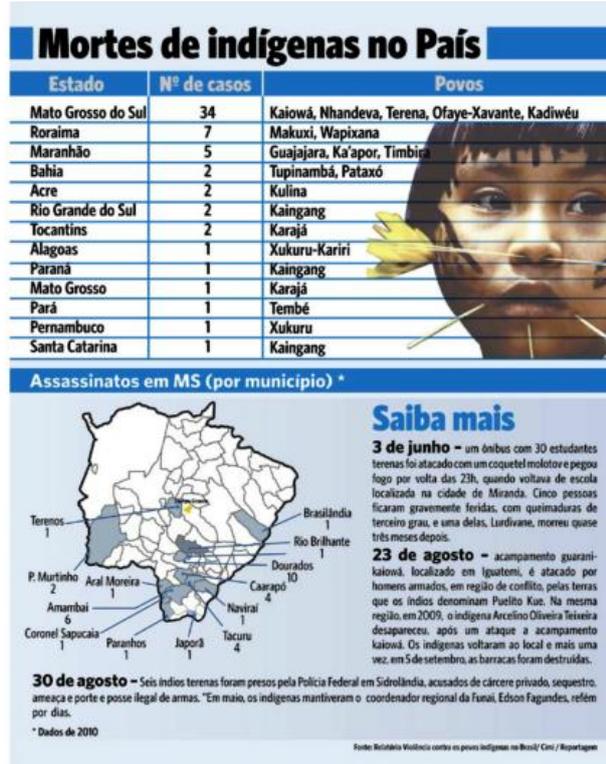
existem 73.295 índios em Mato Grosso do Sul, o que representa quase 9% da população indígena do País. Desses, 14.457 vivem na zona urbana. Embora as mortes não tenham ocorrido em consequência direta da disputa por terras, o CIMI afirma que "existe uma estreita relação entre a falta de demarcação e proteção das terras indígenas e violência". O relatório divulgado no ano passado afirma que Mato Grosso do Sul confirma essa regra. No Estado, existem 47 fazendas ocupadas por indígenas em 17 municípios, segundo levantamento feito pela Famasul e publicado ontem no Correio do Estado.

"Os Guarani Kaiowá vivem confinados, sem terra para sua auto-sustentação, sofrendo altas taxas de desemprego, po-

breza, fome e falta de perspectivas, numa sociedade que os rejeita e se opõe veementemente às reivindicações de seus direitos à terra. Uma das consequências é um alto índice de consumo de álcool", diz o relatório. "Esse contexto provoca grandes tensões psicológicas e sociais nas comunidades, intensificando-se com o crescimento da população".

O Conselho Indigenista Missionário ainda não tem os dados referentes a esse ano, mas pelo menos uma mulher morreu vítima da violência atribuída a disputa por terras em Mato Grosso do Sul. Em agosto, Lurdivane Pires, de 28 anos, veio a óbito depois de um ônibus escolar ser atacado em Miranda com uma bomba caseira. (leia matéria abaixo)

Fonte – (MATHEUS, 2011).



A reportagem acima mostra praticamente o genocídio que se comete com os indígenas do Estado, com relação aos outros, o nível estatístico nosso é bem maior. Essa poderia ser uma das razões da baixa autoestima do indígena. Onde ele se vê exposto mais pelo lado negativo que pelo positivo. E como menciona Darcy Ribeiro em seu livro, já citado neste, como o caso do general Geisel, brasileiro que nunca entendeu por que os índios, aqui há tantos séculos, teimam em não ser brasileiros.

## Autodeclaração no ato da matrícula escolar

Negação da identidade quer índia ou negra, transparece, também, nos dados estatísticos da Rede Municipal de Ensino de Campo Grande /MS no ato da matrícula, no ano 2011, em que os alunos egressos autodeclararam a cor de sua pele. Os gráficos estatísticos da rede foram transformados em quadros para maior facilitar a leitura. Veja a seguir:

Tabela 1 - Autodeclaração Rede Municipal de Ensino - 2010

	Escolas	Branca	Negra	Parda	Amarela	Índio	N.Dec.
01	Abel Freire de Aragão	354	35	485	12	-	45
02	Agrícola Gov. Arnaldo	152	03	149	01	-	12
03	Antonio José Paniago	478	48	559	04	07	09
04	Barão do Rio Branco	33	05	64	-	-	02
05	Barão Ext. Só Alegria	06	02	07	-	-	-
06	Bernardo Franco Baís	176	09	129	06	01	10

07	Carlos V. Cristaldo	523	49	824	04	06	05
08	Cel. Sebastião Lima.	325	22	440	01	01	04
09	Cel. Antonino.	582	53	471	07	01	04
10	Consulesa Margarida	713	74	1.180	03	06	45
11	Darthesy N. Caminha	168	07	163	03	06	05
12	Carlos Garcia	527	55	892	05	08	15
13	Domingos G. Gomes	436	26	408	05	-	17
14	Eduardo D. Machado	906	40	750	07	02	36
15	Plínio Barbosa Martins	665	60	895	05	03	36
16	Tertuliano Meirelles	485	18	309	11	01	20
17	Tertuliano M. ext. 1.	59	13	27	-	-	-
18	Eduardo Olimpio ext.III	71	07	60	02	-	-
19	Elízio Ramirez Vieira	305	25	606	03	01	02
20	Elpídio Reis	805	29	523	05	01	11
21	Etalívio Pereira Martins	380	08	218	03	01	04
22	Frederico Soares	357	06	513	-	-	01
23	Geraldo Castelo	266	07	114	09	-	05
24	Gov. Harry Amorim Costa	249	02	200	-	01	05
25	Imaculada Conceição	451	20	388	06	06	06
26	Irene Szukala	666	57	1.034	18	01	17
27	Irmã Edith Coelho	266	64	433	01	03	15
28	Irmã Irma Zorzi	226	15	181	02	03	01
29	Isauro Bento Nogueira	272	02	177	-	01	24
30	João de Paula Ribeiro	197	19	199	-	-	-
31	João de P. Ribeiro - ext.	28	01	11	-	-	-
32	João Evangelista	546	32	390	03	02	16
33	João E. ext. Sagrado	17	-	11	-	-	02
34	João E. ext. Nª Sª	10	01	14	-	-	01
35	João Nepomuceno	248	12	246	02	-	08
36	José do Patrocínio	68	14	91	01	-	06
37	José Dorilêo de Pina	294	29	278	03	-	09
38	José Mauro Messias	301	31	550	07	07	38
40	José R. Benfica	382	11	204	16	03	09
41	Kamé Adania	167	21	217	02	01	01
42	Leogevildo de Melo	30	04	47	-	02	119
43	Leovegildo extensão	18	04	38	-	-	-
44	Maestro João Correia	353	48	499	02	01	45
45	Y- Juca Pirama	300	11	152	03	02	05
46	Manoel G. Martins	13	01	11	-	01	01
47	Manoel G. Ext.	06	-	03	-	-	03
48	Nagem Jorge Saad	748	40	527	09	01	08
49	Nazira Anache	415	39	631	04	02	35
50	Nerone Maiolino	511	68	820	04	14	85
51	Oito de Dezembro	46	01	37	-	-	66
52	Oito de Dezembro ext.	11	-	05	-	-	02
53	Oito ext. Onira	25	01	10	-	-	38
54	Orlandina O. Lima	90	02	123	-	-	05
55	Oswaldo Cruz	247	28	438	02	03	104
56	Heitor Castoldi	186	21	318	-	03	01
57	José de Anchieta	242	14	252	05	01	06
58	Pe. José Valentim	376	14	303	14	-	04
59	Pe. Tomaz Ghirardelli	833	75	1.409	06	09	78
60	Pref. Manoel Inácio	160	07	155	02	-	03
61	Prof. Alcídio Pimentel	326	20	211	13	-	10
62	Prof. Aldo de Queiroz	668	46	617	08	02	30

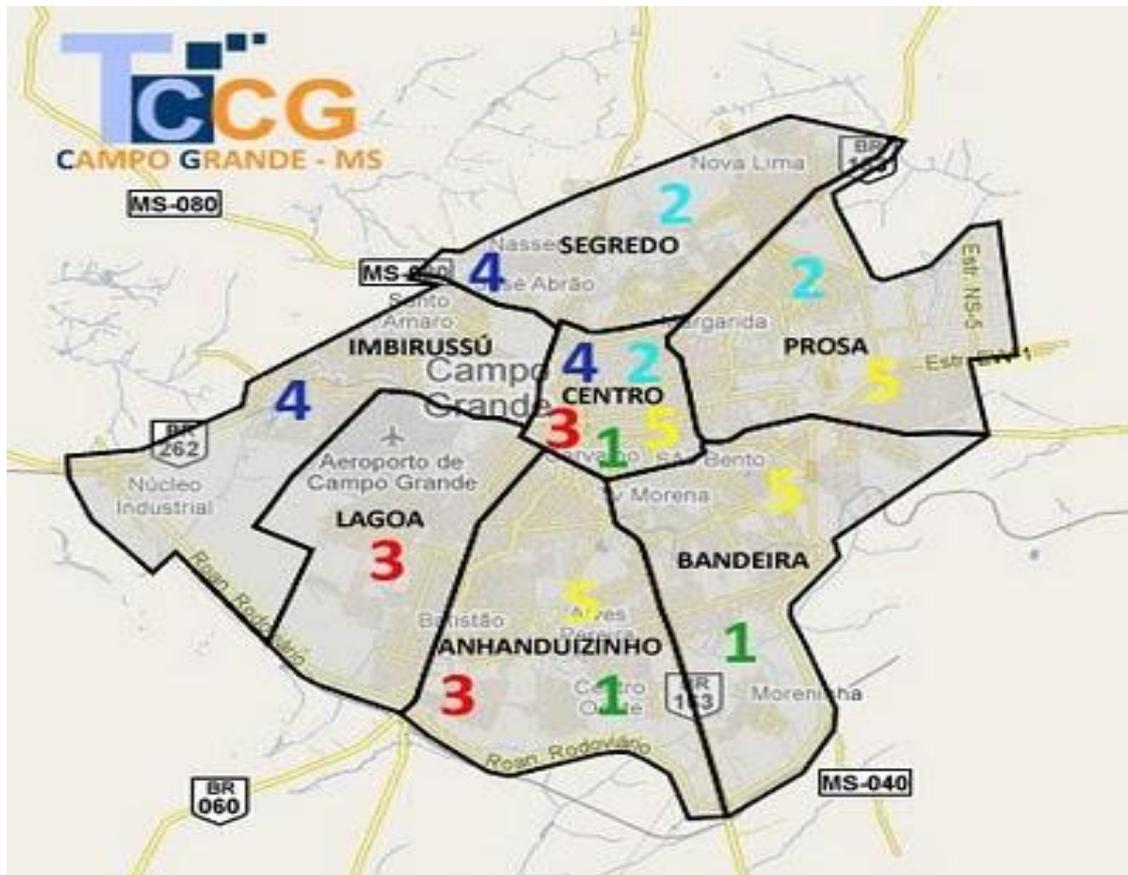
63	Prof. Antonio L. Lins	519	62	923	04	08	32
64	Prof. Arlindo Lima	449	13	245	04	-	-
65	Prof. Fauze S. Gattas	335	19	475	02	-	68
66	Prof. Hércules	304	37	573	01	08	-
67	Prof. João Cândido	272	34	586	03	102	06
68	Prof. Licurgo	862	59	813	05	01	21
69	Prof. Luiz Cavallon	449	30	447	06	-	15
70	Prof. Múcio	422	38	345	11	02	06
71	Prof. Nagib Raslan	272	30	366	01	-	06
72	Prof. Nelson Pinheiro	226	22	212	03	03	01
73	Prof. Plínio M. Santos	514	37	497	11	07	131
74	Prof. Vanderlei Rosa	732	58	906	06	10	26
75	Prof. Virgílio Alves	234	28	336	03	01	06
76	Prof. Wilson Taveira	689	46	852	09	01	29
77	Prof. Luis Antonio	181	06	116	02	-	11
78	Profª Adair de Oliveira	665	36	431	02	-	42
79	Profª Brígida Ferraz	469	26	334	03	02	11
80	Profª Danda Nunes	530	25	236	07	-	06
81	Profª Elizabel	420	28	521	04	04	04
82	Profª Eulália Neto	388	26	438	03	04	09
83	Profª Flora Guimarães	244	18	184	01	-	08
84	Profª Gonçalves	498	28	616	03	04	24
85	Profª Ione Catarina	336	41	889	-	106	09
86	Profª Iracema de Souza	560	22	590	07	01	62
87	Profª Leire Pimentel	286	47	361	01	01	11
88	Profª Lenita de Sena	363	11	465	02	-	14
89	Profª Mãe Lúcia	512	55	700	04	01	57
90	Profª Mãe Tereza	721	61	961	04	04	48
91	Profª Marina Couto	261	12	302	01	06	04
92	Profª Oliva Enciso	516	47	643	03	06	42
93	Profª Oneida Ramos	367	28	518	03	-	08
94	Profª Arlene Marques	787	57	892	04	08	31
95	Prof. Arassuay Gomes	589	41	414	06	18	19
96	Prof. José de Souza	681	33	614	02	02	-
97	Profª Ana Lucia	265	22	238	-	01	28
98	Profª Mãe Vicente	296	30	247	04	02	06
99	Rafaella Abraão	341	18	385	04	01	05
100	Santos Dumont	268	19	193	02	02	-
101	Escola Rachid	328	39	536	01	16	15
102	Sullivan Silvestre	106	09	201	02	71	05
103	Valdete Rosa	282	32	477	-	01	11
	<b>TOTAL</b>	<b>36303</b>	<b>2706</b>	<b>41094</b>	<b>373</b>	<b>518</b>	<b>1931</b>

**Fonte:** Pesquisas sobre informações gerenciais da Secretaria Municipal de Campo Grande / MS, 2010.

A quantidade de alunos que se autodeclararam brancos em um país multifacetado é ainda bem maior em comparação com as outras. Em segundo lugar estão os pardos, depois negros, índios e amarelos. Este quadro nos leva a refletir que o espaço escolar é reflexo da sociedade em que vivemos. As escolas apresentadas no quadro são municipais, dos bairros da cidade de Campo Grande/MS. O mapa a seguir mostra as regiões destas unidades escolares, e, logo a seguir, os gráficos com uma amostra

melhor de como a população campo-grandense se autodeclara, ou melhor, se identifica.

**Figura 2:** Mapa de Campo Grande - MS dividido por regiões



**Fonte:** Disponível em: <<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=869480&page=132>>

**Gráfico 1: Zona Urbana do Bandeira.**



**Fonte:** A autora.

**Gráfico 2: Zona Urbana do Prosa**



**Fonte:** A autora.

**Gráfico 3: Zona Urbana do Anhanduizinho**



Fonte: A autora.

**Gráfico 4: Zona Urbana do Lagoa**



Fonte: A autora.

**Gráfico 5: Zona Urbana do Centro**



Fonte: A autora.

**Gráfico 6: Zona Urbana do Segredo**



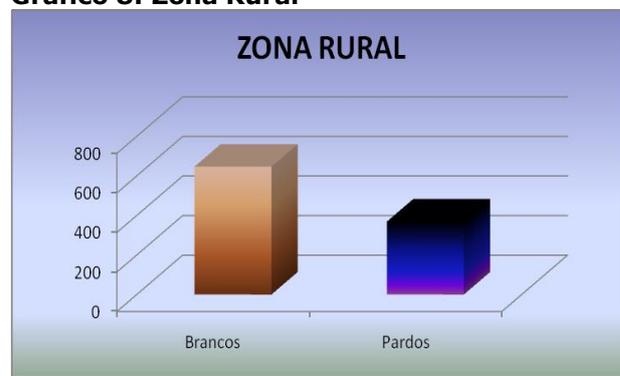
Fonte: A autora.

**Gráfico 7: Zona Urbana do Imbirussú**



Fonte: A autora

**Gráfico 8: Zona Rural**



Fonte: A autora.

A maioria da população de Campo Grande /MS se identifica como parda, porém, apenas na zona urbana da Lagoa e no Centro se autodeclara como brancos. Em síntese, todos procuram de uma maneira ou outra não assumir a descendência negra ou índia. Para isso, os bairros e, conseqüentemente, a cidade, é composta de pessoas que se consideram pardas. Isso demonstra um passado escravo, vergonhoso ainda para muitos. Caio Prado Junior em seus estudos aponta que:

O trabalho escravo nunca irá além do seu ponto de partida físico constrangido; não educará o indivíduo, não o preparará para um plano de vida mais elevado. Não lhes acrescentará elementos morais; e pelo contrário, degradá-lo-á, eliminando mesmo nele o conteúdo cultural que

porventura tivesse trazido do seu estado primitivo. (PRADO, 2000, p.355).

Com a Lei Áurea, em 1888, foi o fim do direito de propriedade de um negro, acabando com a escravidão no Brasil. Mas este, assim como o indígena, não deixou de pertencer à classe de alienados da população em geral, por ter tido um passado escravocrata, manchando, assim, a trajetória de vida daqueles que descendem desse. Para acabar com o preconceito de diferenças raciais, foram realizadas no decorrer dos anos, após o encerramento da escravidão várias convenções, fóruns, enfim, reuniões, com o intuito de acabar com a discriminação e, conseqüentemente, a discriminação. Dessas, nasceram leis como a Lei 10. 639/2003 de 09 de janeiro de 2003, alterada pela Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". Posteriormente, estabelece-se a Lei 11.645 de 10 de março de 2008, que modifica a 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelecia as diretrizes da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena. Estudo este obrigatório no espaço escolar. Segundo. (DAMATTA, 1984, p. 47).

É claro que podemos ter uma democracia racial no Brasil. Mas ela, conforme sabemos terá que estar fundada primeiro numa positividade jurídica que assegure a todos os brasileiros o direito básico de toda a igualdade: o direito de ser igual perante a lei! Enquanto isso não for descoberto, ficaremos sempre usando a nossa mulataria e os nossos mestiços como modo de falar e um processo social marcado pela desigualdade, como se tudo pudesse ser transcrito no plano do biológico e do racial. Na nossa ideologia nacional, temos um mito de três raças formadoras. Não se pode negar o mito. Mas o que se pode indicar é que o mito é precisamente isso: uma forma sutil de esconder uma sociedade que ainda não sabe hierarquizada e dividida entre múltiplas possibilidades de classificação. Assim, o "racismo à brasileira", paradoxalmente, torna a injustiça algo tolerável, e a diferença, uma questão de tempo e amor. Eis, numa cápsula, o segredo da fábula das três raças.

Mencionar democracia racial no Brasil parece uma utopia. Porém, diante de tantas diferenças, o caminho para a autoidentificação seria o trabalho do seu próprio conhecimento. E este já começa no ato da matrícula e se estende nos anos de estudos escolares, como acontece com os projetos desenvolvidos na Rede Municipal de Campo Grande/ MS. Tais como o Grupo de Educação Afirmativa e Cidadania – GEAC. Neste, os próprios alunos são protagonistas do trabalho antirracismo na escola.

## **Conclusão**

Sugere-se que a discussão para o início do trabalho com o preconceito racial dentro da escola deva começar com a divulgação dos dados de autodeclaração que é realizado no ato da matrícula. A exposição desses dados nos murais da unidade escolar abre mais uma vertente para a reflexão a respeito do assunto. Outra sugestão é que estes dados podem ser trabalhados como recurso pedagógico pelas disciplinas escolares oferecidas. Podemos dizer que é a primeira forma de manifestação de ações exógenas dentro da escola. Partindo do princípio que a escola existe para servir a comunidade e é, portanto, dentro deste espaço que estão refletidos os desafios sociais da sociedade contemporânea.

## Referência

AVANCINI, Elsa Gonçalves. **Doce Inferno**: açúcar, guerra e escravidão no Brasil holandês, 1580 – 1654. São Paulo: Atual, 1991.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 11. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1976.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?** Editora Rocco, Rio de Janeiro, 1984.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande e senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 51. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

MATHEUS, Maria. MS concentra 57% dos assassinatos indígenas no país. **Correio do Estado**, Campo Grande, 13 de set. 2011. Disponível em:  
<http://flip.siteseguro.ws/pub/correiodoestado/index.jsp?ipq=16649>. Acesso em: 05 jun. 2012.

PRADO JÚNIOR, Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

REIS, José Carlos. **Anos 1850**: Varnhagem – O elogio da colonização portuguesa. In: *As Identidades do Brasil*. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: A formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SOUZA, Laura de Mello e. **História da Vida privada no Brasil**: cotidiano e vida na América portuguesa. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.